



## A MULHER E A UNIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA

Bruna Brandel Meleck<sup>1</sup>

Orientadora: Cristiane Brand de Paula

Gouveia Pasini<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo exhibe reflexões sobre uma pesquisa realizada com as(os) acadêmicas(os) da Universidade Estadual do Paraná, no campus de União da Vitória, com o objetivo de delinear o perfil das(os) estudantes. Os cursos existentes na UNESPAR formam unicamente docentes, e a partir de trabalhos realizados pelo grupo de alunas(os) do segundo ano de história, foram aplicados 661 questionários com os discentes no ano letivo de 2016, para a obtenção de dados que serão tratados aqui posteriormente. Este artigo, especificamente, tem o intuito de salientar questões relativas à mulher, utilizando de métodos quantitativos e qualitativos. A proposta aqui é traçar o caminho das mulheres no acesso à Universidade

---

<sup>1</sup>Graduanda de História pela Universidade Estadual do Paraná – União da Vitória. 2017. E-mail: bruna\_bm8@hotmail.com.

<sup>2</sup>Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Licenciada em História pela Unespar, campus União da Vitória. Professora colaboradora no colegiado de História da Unespar, campus União da Vitória.

ao longo dos anos, questionando a existência de guetos de gêneros nos cursos de licenciaturas contemporâneas, e analisando o perfil das universitárias, em especial o ingresso das mulheres negras nesse ambiente.

**Palavras chave:** Acesso as Universidades; Gênero; Mulheres negras.

### ABSTRACT

This work shows reflexions about a research conducted with academics of University Of The State Of Paraná, on the campus União da Vitória, with the aim of define the student's profile. The existent courses at UNESPAR graduate only teachers, and based on work done by the second year of history's student group, 661 questionnaires were applied with the students in 2016 school years, for the data retrieval which are going to be dealt with subsequently. This article, specifically, has the intention of emphasise issues related to woman, using quantitative and qualitative methods. The purpose here is to trace the path of woman in the university access throughout the years, questioning the existence of ghettos of gender in contemporary degree courses, and analyzing university's profiles, in particular the entry of black woman on the environment.

**Keywords:** university access, gender, black woman.

### Introdução

O No Brasil as mulheres percorreram um longo caminho até o Ensino Superior, visto que apenas no final do século XIX elas conquistaram o direito de acesso às Universidades, iniciando tardiamente os estudos em relação aos homens. Mas mesmo conquistando alguns direitos, o grande alargamento da participação feminina nesse meio só é possível de se notar a partir dos anos setenta.

É importante ressaltar que a entrada na Universidade não ocorreu de forma homogênea, sendo que neste período a “guetização”<sup>3</sup> foi fortemente marcada, e os cursos para as

---

<sup>3</sup>Confinamento em guetos, medida por grupos intolerantes para afastar do convívio social em determinados setores dessa mesma sociedade.

mulheres já estavam delimitados nas áreas da saúde e da educação.

Atualmente ainda nos deparamos com problemas assim, no entanto de forma sutil. Segundo Queiroz,<sup>4</sup> mesmo com a forte presença da mulher no Ensino Superior, existe a “ideologia de vocação” que induz, em maioria imperceptível, a áreas cursadas de acordo com o sexo biológico. Essa visão decorre de uma tentativa de divisão no trabalho em que são estabelecidas diferenças nas atividades masculinas e femininas, existindo a preferência masculina e a superioridade na remuneração e reconhecimento.

As perspectivas estão ligadas a fatores culturais e estereótipos criados sobre as mulheres, influenciando constantemente em suas escolhas, preferências e decisões.

### **Traçando o percurso da mulher brasileira ao longo dos anos**

Para entender a atuação da mulher na contemporaneidade é necessário entendê-la historicamente. Sabe-se que cada sociedade carrega sua carga cultural a partir de seus costumes, mas aqui se pretende traçar a longa jornada da mulher, pois mesmo com os movimentos sociais na maior parte do mundo em prol da igualdade entre os sexos feminino e

masculino, ainda é possível deparar-se com mulheres enfrentando inúmeras tentativas de dominação e subjugação.

A desigualdade entre os sexos vem de uma sociedade patriarcal, na qual dentro da família existe uma hierarquia em que a mulher deve procriar e cuidar da família, e o homem participar das esferas públicas.

Todos os direitos adquiridos pela mulher vêm de uma história de lutas. O homem, todavia foi visto com superioridade em relação mulher, e essa ficou por longo tempo detida de sua liberdade, sendo responsável pela educação dos filhos e cuidados da casa, sendo a procriação seu único poder.

Traçando uma linha cronológica não regular e não levando em conta todos os momentos históricos e as diferentes culturas, segundo Silva,<sup>5</sup> podemos considerar que na pré-história as mulheres contribuía com o sustento da família. O trabalho era diferenciado em razão de que as mulheres precisavam tomar conta de seus filhos, mas ninguém era considerado superior em relação ao outro. Segundo Stamatto,<sup>6</sup> no Brasil os primeiros habitantes certamente tinham tarefas femininas e masculinas bem definidas, não excludentes da participação comunitária, mas enfrentaram um choque cultural com a chegada dos europeus que acarretou em

<sup>4</sup> QUEIROZ, D.M. **Mulheres no ensino superior no Brasil**. In: 23ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – ANPED, 2000, Caxambu. Caderno de Resumos. Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> SILVA, J.E. da. **Enfrentando lutas, superando desafios: ganhos e conquistas das mulheres brasileiras no século XX**. Revista eletrônica da Univar, n.7. p. 58-61, 2013.

<sup>6</sup> STAMATTO, M.I.S. **Um olhar na história: A mulher na escola**. Programa de pós-graduação em educação – UFRN.

mudanças nos seus costumes. Em 1789<sup>7</sup> as mulheres ocidentais passaram a usufruir de alguns direitos, influenciadas por ideias iluministas. A partir da consolidação do sistema capitalista, no século XIX as mulheres ganham uma mínima relevância, em busca de uma vida melhor e da igualdade entre todos. Mas foi durante a Segunda Guerra Mundial a entrada marcante da mulher no mercado de trabalho, substituindo o trabalho antes feito pelo homem, já que o mesmo estava envolvido com a guerra, deixando o trabalho comum vago para a ocupação das mulheres. Segundo Melo,<sup>8</sup>

[...] se fosse possível retroceder no tempo e contar para um cidadão do começo do século XX que as mulheres, hoje, votam, têm média de escolaridade maior que a dos homens, governam países e estão inseridas amplamente no mercado de trabalho, talvez o sujeito não acreditasse no relato.

Mas mesmo com a mulher inserida no ambiente do trabalho, ainda é notória sua desvalorização. Em alguns casos recebem salários menores e maior carga horária, como afirma Araujo:<sup>9</sup>

Os prejulgamentos induzem ações discriminatórias contra pessoas que se distinguem por características visíveis (gênero e raça, por exemplo, mas

também “apresentação física”), antes mesmo que elas possam demonstrar suas reais capacidades produtivas. Assim, muitas vezes as mulheres detêm uma formação, uma experiência e uma produtividade superiores às dos homens, mas nem por isso recebem os mesmos rendimentos, caracterizando portanto situações de discriminação social.

De acordo com Martini,<sup>10</sup> no ano de 1979 a mulher adquire um avanço significativo com relação a liberdade de seu corpo, podendo optar pelo uso ou não de métodos anticoncepcionais, o que anteriormente era proibido por lei, assim como o aborto, conseguindo assim planejar seu futuro, e ter apenas a quantia de filhos que desejasse. Antes dessa conquista, no Brasil, os contraceptivos ou laqueadura eram permitidos apenas com indicações médicas que comprovassem gravidez de risco.

A autora ainda acredita que as mulheres, mesmo trabalhando fora, precisam ter os mesmos cuidados com a casa, o que designamos “jornada dupla”, enquanto o homem continua apenas com seu trabalho, o que acaba levando algumas mulheres a desenvolverem um distúrbio psíquico, fazendo-as consumirem 74% dos medicamentos para transtornos.<sup>11</sup>

Mesmo com muita luta ainda existe um enorme caminho pela frente, por razão de ainda existir uma parcela de mulheres que se sentem coagidas a não pedir ajuda. Segundo Martini,<sup>12</sup>

<sup>7</sup> IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DA UNAERP - Campus Guarujá. Revista de pesquisa e pós-graduação – Santo Ângelo, 2003.

<sup>8</sup>MELO, Alexandre. **Os fatos históricos que marcam as conquistas das mulheres**. Revista Nova Escola, 2013.

<sup>9</sup>ARAÚJO, V.F. e RIBEIRO, E.P. **Diferenciais de salários por gênero no Brasil: uma análise regional**. Disponível em:

[http://www.ppge.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2001\\_11.pdf](http://www.ppge.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2001_11.pdf).

Acessado em: 04/03/2017.

<sup>10</sup> MARTINI, M.T. e SOUZA, F. **Mulher do século XXI: conquistas e desafios do lar**. 2015. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Mary-Terezinha-Martini.pdf>. Acessado em: 04/03/2017.

<sup>11</sup>Idem.

<sup>12</sup> Idem.

os meios de comunicações, diariamente trazem relatos de mulheres sendo submetidas a vários tipos de torturas: assédios sexuais, violência física, violência moral, violência verbal, pressão psicológica e muitas delas assassinadas por colocar um fim no relacionamento não aceito pelo parceiro, violando assim tantos anos de lutas e desafios para preservar os direitos adquiridos. Compreende-se que, muitas delas ainda estão acalentadas em seus lares, submissas ao machismo impregnado na sociedade patriarcal, sendo assim ainda vista como o sexo frágil.

A violência contra a mulher ainda é invisibilizada, sendo que as vítimas ameaçadas constantemente sentem-se inseguras, e os agressores acreditam não serem punidos, continuando com as relações abusivas. É importante ressaltar que a violência de gênero atinge todos os níveis sociais, independente da posição financeira. Ainda no século XXI as mulheres são discriminadas e violentadas, vistas como frágeis, mesmo com os direitos de igualdade garantidos por lei, como explica Bezerra.<sup>13</sup> De acordo com Monteiro,<sup>14</sup> “[...] a igualdade é, em toda parte, e sobretudo na família, o primeiro elemento para a felicidade”.

## Gênero e Educação

<sup>13</sup> BEZERRA, Nathalia. **Mulher e universidade**: A longa e difícil luta contra a invisibilidade. FECLESC. Conferência Internacional sobre os Sete Saberes. Fortaleza. Disponível em: <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/420-07082010-184618.pdf> Acesso em: 04/03/2017.

<sup>14</sup> MONTEIRO, I.A. e GATI, H.H. **A mulher na história da educação brasileira**: Entraves e avanços de uma época. Anais Eletrônicos. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

O surgimento das discussões de gênero está ligado à percepção de desigualdade social entre homens e mulheres, e a contestação e o questionamento sobre os direitos da mulher. Essa percepção contribuiu para a criação do movimento feminista,<sup>15</sup> que em sua primeira fase reivindicava um ensino igualitário e o acesso a trabalhos dignos.

No decorrer dos últimos séculos, observa-se transformações em relação à mulher como conquista de direitos, participação política, piso salarial, direitos à Educação Superior, entre outros. E essas transformações influenciam fortemente as relações de gênero.

A Universidade impreterivelmente necessita incentivar seus alunos a refletirem sobre o tema, com o intuito de acelerar o avanço da sociedade a respeito da compreensão do assunto em questão, e quebrar o tabu existente nas divisões de atividades.

Hoje no Brasil a mulher tem acesso livre a educação, tanto ao Ensino Básico, quanto ao Superior, mas essa liberdade decorre de muita batalha. De acordo com Bezerra,<sup>16</sup> sempre existiu preocupação com a educação da mulher, porém estava ligada ao cotidiano doméstico. Eram ensinadas a bordar, cozinhar, costurar, e as mulheres de famílias com maior poder aquisitivo aprendiam outras línguas e etiquetas, ou seja, recebiam educação destinada a serem boas donas

<sup>15</sup> Feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

<sup>16</sup> BEZERRA, Nathalia. **Mulher e universidade**: A longa e difícil luta contra a invisibilidade. Op. Cit.

de casa. Diferente do homem, que desde cedo aprendia a ler e escrever para facilitar a entrada na Universidade.

Segundo Monteiro,<sup>17</sup> a escolarização feminina teve início após a contrarreforma, em torno de meados do século XVIII, quando foram criados internatos e escolas de caridade especialmente para meninas. Essas tinham um currículo escolar diferenciado da dos meninos, já que não possuíam interesses pela inserção no mercado de trabalho. Portanto, a educação na escola era diferenciada dependendo do sexo, e principalmente para as camadas mais baixas da população. O autor ainda cita que a legitimação para a diferença de liberdade acontecia devido à “lei natural”.

[...] Afastaram deliberadamente as mulheres da vida política, pública e as confinaram no espaço doméstico, privado, limitando sua educação escolar. Consideraram legítima a exclusão das mulheres de todo o direito político, com base no que acreditavam ser uma “lei natural”: em toda mulher existe uma mãe em potencial.<sup>18</sup>

De acordo com Stamatto,<sup>19</sup> no Brasil, desde a primeira escola de ler e escrever, erguida em meados de 1549 pelos primeiros jesuítas aportados, já existia a intenção de formar culturalmente apenas a elite branca e masculina.

<sup>17</sup> MONTEIRO, I.A. e GATI, H.H. **A mulher na história da educação brasileira**: Entraves e avanços de uma época. Op. Cit.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> STAMATTO, M. I. S. **Um olhar na história: a mulher na escola** (Brasil: 1549 - 1910). II Congresso Brasileiro de História da Educação, Natal, 2002.

Logo, as mulheres ficaram excluídas do sistema escolar da colônia.

Posteriormente a reforma pombalina permitiu a frequência feminina nas escolas, embora apenas professoras mulheres pudessem lecionar as aulas para as meninas. Stamatto<sup>20</sup> ainda afirma:

A nossa primeira legislação específica sobre o ensino primário, após a Independência, foi a lei de 15 de outubro de 1827, conhecida como Lei Geral, que padronizou as escolas de primeiras letras no país, contemplando a discriminação da mulher. Elas não aprendiam todas as matérias ensinadas aos meninos, principalmente as consideradas mais racionais como a geometria, e em compensação deveriam aprender as ‘artes do lar’, as prendas domésticas.

E apenas a partir de 1870 é permitido que os alunos e alunas sentem-se lado a lado.

A entrada da mulher na Universidade aconteceu primeiramente em 1837. Nos Estados Unidos houve a criação de uma Universidade apenas para as mulheres, motivando a criação da mesma ao redor do mundo. No Brasil, de acordo com Queiroz,<sup>21</sup> a participação feminina começou no século XIX, e somente após os anos 40 do século XX é que as mulheres começaram a elevar sua participação, principalmente nos cursos considerados tradicionais.

## Análise dos dados

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> QUEIROZ, D.M. **Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso a mulheres negras**. Revista Artemis, vol. 8. pg.132-145. Jun, 2008.

Os dados tratados abaixo foram contabilizados dos 661 questionários respondidos por acadêmicas(os) do ano letivo de 2016 da Unespar (UVA).

**Tabela 01** – Parcela de homens e mulheres nos cursos da Universidade Estadual do Paraná no campus de União da Vitória, em 2016.

CURSO	HOMENS	MULHERES
Biologia	36	102
Filosofia	16	15
Geografia	34	23
História	28	36
Letras – Espanhol	11	70
Letras – Inglês	20	46
Matemática	29	34
Pedagogia	6	96
Química	24	35
TOTAL	204	457

Nota-se que especificamente nessa instituição de Ensino Superior, a mulher representa 69,14% das(os) universitárias(os), superando em 30,86% o montante masculino. É perceptível a mudança do perfil acadêmico, e a frequência das mulheres nas Universidades, não apenas na instituição estudada, pois Queiros<sup>22</sup> afirma que:

as análises mais contemporâneas sobre a participação por gênero no sistema têm confirmado a presença expressiva da mulher nos níveis básicos da escolarização, superando, inclusive, a participação masculina e mostrando a elevação da sua presença no Ensino Superior.

<sup>22</sup>Idem.

Através do livro de José Fagundes,<sup>23</sup> “Fafi: 45 anos a serviço da educação”, é possível encontrar a lista de formandos da Universidade que está sendo estudada, desde 1960 até 2005 e acompanhar sua trajetória durante esse período. Para entender o avanço da mulher na formação universitária analisaremos a seguir a parcela de homens e mulheres formados em 1971 e 2000, nos cursos que existiam nos respectivos anos.

**Tabela 02-** Parcela de homens e mulheres formados em 1971

CURSO	HOMENS	MULHERES
Geografia	6	5
História	8	4
Letras – Inglês	13	9
Pedagogia	1	5
TOTAL	28	23

**Tabela 03-** Parcela de homens e mulheres formados em 2000

CURSO	HOMENS	MULHERES
Ciências	18	20
Geografia	14	14
História	4	23
Letras – Inglês	6	26
Matemática	7	34
TOTAL	49	117

Observações: Não foram contabilizados os formandos de pedagogia do ano de 2000 devido à existência de várias especialidades nas formações.

É possível analisar um avanço significativo da presença da mulher de 1971 para 2000. No

<sup>23</sup> FAGUNDES, José. **Fafi: 45 anos a serviço da educação**. União da Vitória: Kaygangue, 2005. (Coleção Vale do Iguacu, n.78)

primeiro ano os homens superaram as mulheres em 9,81%, e em 2000 as mulheres passam a superar os homens em 40,97%. Segundo Queiroz,<sup>24</sup> no final do século XX “a igualdade sexual de acesso e permanência na escola, entre estudantes, era um fenômeno que se verificava em inúmeros países”.

Analisando os dados, imagina-se que o montante de mulheres que residem na cidade de União da Vitória<sup>25</sup> supere de forma discrepante a quantidade de homens, o que não se verifica. De acordo com o caderno estatístico do município, no total estimam-se 41,776 habitantes atualmente, onde 21,892 são mulheres, ou seja, apenas 52,403% da população.

### **A mulher negra na Universidade contemporânea**

Conforme o censo demográfico do IBGE, em 2000 eram 37.602.461 mulheres negras no Brasil,<sup>26</sup> ou seja, 25% da população negra era formada por mulheres.

Queiroz<sup>27</sup> relata em sua pesquisa que no período entre 2004-2005 as mulheres negras encontravam enorme dificuldade em ingressar nos cursos considerados de maior prestígio social ou com maiores chances no mercado de trabalho.

<sup>24</sup>QUEIROZ, D.M. **Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso a mulheres negras.** Op. Cit.

<sup>25</sup> Cidade onde se localiza a Universidade estudada.

<sup>26</sup> IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DA UNAERP - Campus Guarujá. Revista de pesquisa e pós-graduação – Santo Ângelo, 2003.

<sup>27</sup>QUEIROZ, D.M. **Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso a mulheres negras.** Op. Cit.

A autora, através de dados, acredita que as cotas implantadas nas Universidades ainda não são o suficiente para trazer os negros à sala de aula.

Embora especialmente perversa para com os negros, não é o único fator responsável pela sua reduzida na universidade. Há fatores outros que se colocam antes do vestibular, impedindo que os negros se apresentem para concorrer, em proporção compatível ou superior ao seu peso no conjunto da população, como fazem os brancos. O referido estudo chamava atenção para as barreiras presentes na trajetória escolar e de vida dos estudantes negros, determinando uma reduzida expectativa do grupo com relação ao seu acesso à universidade.<sup>28</sup>

Analisando os dados obtidos na UNESPAR, observamos que dentre as(os) 661 alunas(os), apenas 23 se auto declaram negras(os), 96 pardas(os), 9 amarelas(os) e 528 brancas(os), sendo que 5 não responderam a questão. Ou seja, 3,47% das(os) universitárias(os) são negros(as).

Separando apenas a mulher e os cursos que ingressaram, traçamos a seguinte tabela:

**Tabela 04-** Etnia das mulheres na UNESPAR, 2016.

CURSO	BRANCA	NEGRA	PARDA	MARELA	N.D.
Biologia	80,19%	1,98%	3,86%	3,96%	0%
Filosofia	80%	0%	6,66%	0%	3,33%
Geografia	95,65%	4,34%	0%	0%	0%
História	71,42%	2,85%	20%	2,85%	2,85%
Letras-esp.	80,59%	4,47%	3,43%	1,49%	0%
Letras-ing.	80%	4,44%	5,55%	0%	0%
Matemática	94,11%	0%	5,88%	0%	0%
Pedagogia	80,85%	2,12%	4,89%	2,12%	0%
Química	91,42%	0%	8,57%	0%	0%

<sup>28</sup> Idem.

TOTAL	82,40%	2,44%	2,70%	1,70%	0,66%
-------	--------	-------	-------	-------	-------

É notório que as mulheres negras ainda compõem uma mínima parcela dentro das Universidades. Na UNESPAR em específico, as mulheres negras ainda estão em maioria comparadas aos homens negros. Elas compõem 2,44% do número de universitários, enquanto os homens 1,03%. Mas também existem cursos como Filosofia, Matemática e Química em que as mulheres negras não aparecem.

Mesmo com a implantação de cotas raciais que oportunizam a entrada de negras(os) na Universidade, existem obstáculos na permanência no Ensino Superior, como dificuldade financeira enfrentada por uma parcela de estudantes que necessitam de transporte e moradia, dupla jornada entre trabalho e estudo, o racismo sofrido por colegas, entre outros. Segundo Souza,<sup>29</sup>

um dos fatores que sobrepõe à permanência é a precariedade do ensino público, já que muitos alunos tiveram o ensino básico fragmentado pela ausência de alguns conteúdos. A aceleração dos estudos, o descaso público com os recursos e materiais didáticos, a desmotivação, a despreparação na educação básica causam desqualificação para permanecerem no ensino superior.

A autora aponta esta dificuldade não apenas para as(os) negras(os), mas para todos os que buscam as cotas para entrar na Universidade. A mesma ainda ressalta a possibilidade de não serem

necessárias as cotas se houvesse melhor investimento no ensino básico.

Entender as “cotas” para o ingresso de negros em universidades no Brasil nos leva a pensar sobre a existência de política voltada para a educação básica. Investir na educação básica pública e de qualidade seria a melhor forma de minimizar as deficiências do ensino brasileiro, para que o sistema de “cotas” não se torne mais uma forma de discriminação contra os afro-descendentes, que poderão ser taxados de incapazes para o ingresso no ensino superior.

### Considerações finais

Todas as lutas traçadas pelas mulheres ao longo da história foram de suma importância para as conquistas de direito que a mulher vem adquirindo aos poucos, e ganhando cada vez mais visibilidade e importância. Ainda existem direitos onde o homem se encontra em vantagem, mas com o avanço do debate que as mulheres estão conseguindo trazer a tona, estão ocupando cadeiras que antes eram apenas destinadas a homens. Com os dados obtidos na Universidade Estadual do Paraná em União da Vitória, é perceptível o peso da mulher na Universidade contemporânea, e a satisfação por seguir a carreira que gostaria e não apenas as predestinadas às mulheres. E também fica evidente que se encontra uma pequena parcela de mulheres inseridas na Universidade no ano de 2016 que se auto declaram negras, havendo ainda cursos em que sua participação é nula.

<sup>29</sup> SOUZA, E.M. de.eSANTOS, L. de J. **O sistema de cotas raciais:** ingresso e permanência dos estudantes negros no ensino superior. Faculdade São Luís de França

### Referências

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DA UNAERP–Campus Guarujá. Revista de pesquisa e pós-graduação- Santo Ângelo, 2003.

ARAÚJO, V.F. e RIBEIRO, E.P. **Diferenciais de salários por gênero no Brasil:** uma análise regional. Disponível em: [http://www.ppge.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2001\\_11.pdf](http://www.ppge.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2001_11.pdf). Acessado em: 04/03/2017.

BEZERRA, Nathalia. **Mulher e universidade:** A longa e difícil luta contra a invisibilidade. FECLESC. Conferência Internacional sobre os Sete Saberes. Fortaleza. Disponível em: <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/420-07082010-184618.pdf> Acesso em: 04/03/2017.

FAGUNDES, José. **Fafi:** 45 anos a serviço da educação. União da Vitória: Kayganguê, 2005. (Coleção Vale do Iguaçu, n.78)

MARTINI, M.T. e SOUZA, F. **Mulher do século XXI:** conquistas e desafios do lar. 2015. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Mary-Terezinha-Martini.pdf>. Acessado em: 04/03/2017.

MELO, Alexandre. **Os fatos históricos que marcam as conquistas das mulheres.** Revista Nova Escola, 2013.

MONTEIRO, I.A. e GATI, H.H. **A mulher na história da educação brasileira:** Entraves e avanços de uma época. Anais Eletrônicos. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2012.

QUEIROZ, D.M. **Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso de mulheres negras.** Revista Ártemis, vol.8. pg.132-145. Jun, 2008.

QUEIROZ, D.M. **Mulheres no ensino superior no Brasil.** In: 23ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-ANPED, 2000, Caxambu. Caderno de resumos. Rio de Janeiro.

SILVA, J.E. da. **Enfrentando lutas, superando desafios:** ganhos e conquistas das mulheres brasileiras no século XX. Revista Eletrônica da Univar, n.7. p.58-61, 2013.

SOUZA, E.M. e SANTOS, L. de J. **O sistema de cotas raciais:** ingresso e permanência dos estudantes negros no ensino superior. Faculdade São Luís de França.

STAMATTO, M. I. S. **Um olhar na história:** a mulher na escola (Brasil: 1549 - 1910). II Congresso Brasileiro de História da Educação, Natal, 2002.